

## OS RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE MERCEDES NÚÑEZ TARGA E O NÃO ESQUECIMENTO COMO LAMPEJO DE ESPERANÇA

THE MERCEDES NÚÑEZ TARGA'S AUTOBIOGRAPHIC REPORTS AND NON-FORGETTING AS A HOPE'S SCINTILLA

Recebido: 06/03/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2771

Gisele Silva Oliveira<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9573-1011>

**Resumo:** Este artigo tem como objeto de análise os relatos autobiográficos de Mercedes Núñez Targa, referentes à sua detenção na Prisão Feminina de Ventas (Carcel de Ventas) durante o Regime Franquista. Permeados por retratos de desrespeito ao ser humano, tais relatos carregam o objetivo de que o sofrimento das vítimas não seja esquecido. Por outro lado também evidenciam a solidariedade e os ideais de resistência compartilhados por essas mulheres. Na valorização do companheirismo, da arte e da cultura elas encontram sentido e esperança, mesmo em meio ao horror. Assim, este estudo aqui proposto aborda os relatos de Núñez Targa, buscando entendê-los como um contraponto ao “pacto do esquecimento” no processo de redemocratização espanhol, sobre o qual discorre Mercedes Yusta Rodrigo (2014), mas também e, sobretudo, discute as dinâmicas de resistência estabelecidas pelas mulheres retratadas na obra, relacionando-as à ideia de sobrevivência dos vaga-lumes, de Georges Didi-Huberman (2011).

**Palavras-chave:** Mercedes Núñez Targa; Cárcel de Ventas; Ditadura Franquista; Didi-Huberman; Sobrevivência dos vaga-lumes.

**Abstract:** This article has as object of analysis the Mercedes Nuñez Targa's autobiographical report, referring to her detention in the Female Prison of Ventas (Carcel de Ventas) during the Francoist Regime. Permeated by portraits of disrespect for human beings, such reports has the objective that the suffering of victims is not forgotten. On the other hand, they also show solidarity and the ideals of resistance shared by these women. In valuing companionship, art and culture, they find meaning and hope, even in the midst of horror. Thus, this study proposed here approaches Nuñez Targa's reports, seeking to understand them as a counterpoint to the “pact of oblivion” in the Spanish redemocratization process, on which Mercedes Yusta Rodrigo (2014) talks, but also and above all discusses the dynamics of resistance established by the women portrayed in the work, relating them to the idea of survival of fireflies, by Georges Didi-Huberman (2011).

**Keywords:** Mercedes Núñez Targa; Cárcel de Ventas; Francoist Dictatorship; Didi-Huberman; Survival of fireflies.

### Introdução

O livro *El valor de La memória: de La Carcel de Ventas al Campo de Ravensbrück* (*O valor da memória: da Prisão de Ventas ao Campo de Ravensbrück*), de Mercedes Núñez Targa reúne relatos publicados em duas publicações anteriores, sendo assim dividido em duas partes: a primeira traz narrativas decorrentes da

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras - Português/Inglês pela Fundação de Ensino Superior de Passos, unidade associada à Universidade do Estado de Minas Gerais e Especialização em Promoção da Igualdade Racial na Escola pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente cursa Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: [gisele.o957@gmail.com](mailto:gisele.o957@gmail.com)

experiência e observação da autora, durante o período em que esteve detida na Prisão Feminina de Ventas, em Madrid; a segunda, episódios de sua experiência enquanto prisioneira no campo de concentração de Ravensbrück, na Alemanha. Porém, as análises aqui formuladas abordarão somente os relatos referentes ao período de encarceramento na Prisão de Ventas.

A Guerra Civil na Espanha (entre 1936 e 1939) e, posteriormente, o período em que Francisco Franco assumiu o poder, mantendo um regime ditatorial no país (1939-1975), constituem um momento histórico, que como todo processo de imposição autoritária, foi marcado por conflitos e também por violações aos direitos humanos.

Entretanto, o conhecimento acerca dessa situação conflituosa e violenta não era facilmente acessível, pois houve um esforço por parte do governo em fazer com que os movimentos de resistência e aquilo que denunciavam não alcançassem repercussão internacional. Ribeiro (2018) aborda as estratégias utilizadas pela diplomacia espanhola, durante o Regime Franquista, para invisibilizar as acusações de violação aos direitos humanos, entre 1945 e 1955, a fim de se blindar de perspectivas que viessem a relacionar a persistência do autoritarismo violento na Espanha a um resquício de sobrevivência do fascismo derrotado pela Segunda Guerra. Conforme a autora, a correspondência diplomática espanhola com a Organização das Nações Unidas (ONU) nesse período revela dois vieses estratégicos de respostas: o primeiro deles era ignorar as solicitações de explicação sobre as violações e o segundo tinha como premissa conquistar a adesão de aliados ao silêncio acerca dessa questão em eventos internacionais

Mesmo após o fim do regime, segundo Mercedes Yusta Rodrigo (2014), esse “silenciamento” irá perdurar, em razão do modo como se deu, após a morte de Francisco Franco, o processo de redemocratização do país, isso porque em nome de uma transição pacífica, as elites políticas convergiram, a partir de ações, como a concessão de anistia, na constituição de um “pacto de esquecimento”, isto é, um acordo que se eximiu de possibilitar uma reparação legal às vítimas e até mesmo dificultou que suas narrativas tivessem maior visibilidade nos registros históricos oficiais sobre o período em questão.

Ferraz-Infante (2019) relata que a Lei da Anistia (Lei 46/1977) foi aplicada tanto a opositores, presos por diferentes crimes de resistência política, como àqueles que ocupavam cargos no regime franquista e contra os quais havia acusações de abuso de poder. Conforme demonstram as explicações da mesma autora, essa equiparação

de crimes diversos culpabilizava ambos os lados e reforçava a ideia de que o perdão e o esquecimento eram as únicas alternativas possíveis para a unificação e redemocratização nacionais.

Para Mercedes Yusta Rodrigo (2014) embora esses processos de silenciamento tenham levado analistas a situar o início de reivindicações pela memória histórica na Espanha a partir dos anos 2000, e a reconhecer a abertura das valas comuns de vítimas da guerra civil e da ditadura pela Associação pela Recuperação da Memória histórica (ARMH) como estímulo determinante para tais reivindicações, essa pauta memorialística não surgiu do nada, pois, segundo ela, mesmo na forma de contraposição ao discurso hegemônico e, por isso, pouco disseminada, existiram manifestações anteriores em prol desse não apagamento da memória histórica.

Os relatos de Mercedes Núñez Targa têm como mote essa luta por fazer com que as experiências traumáticas, vividas na Prisão Feminina de Ventas, em decorrência da resistência à ditadura, não sejam apagadas da memória do país. Porém, vale lembrar, que esses relatos demoraram a ser publicados na Espanha, tendo sido publicados inicialmente no periódico parisiense *Mujeres Antifascistas Españolas (Mulheres Antifascistas Espanholas)*, em 1950, e posteriormente, reunidos em versão modificada e ampliada no livro *Carcel de Ventas (Prisão de Ventas)*, em 1967, também por uma editora parisiense e só então com a identificação da autora. A publicação na Espanha só ocorreu em 2005, o que demonstra as dificuldades dessa luta contra o esquecimento no país.

As histórias contadas por Núñez Targa, por diversos momentos, nos colocam em confronto com a crueldade e com a desvalorização da vida humana. Ainda, em meio a essa vivência degradante, vez ou outra as detentas experimentam partilhas de valorização do companheirismo, e também do saber, da cultura e da arte. Enfim, momentos que provocam um relampejar, ainda que efêmero, de beleza e sensibilidade em meio ao horror e à brutalidade, sendo capzes de sustentar nessas mulheres a esperança e a resistência.

Nesse sentido, é que aqui se propõe analisar essas histórias, em diálogo com a metáfora de sobrevivência dos vaga-lumes de Georges Didi-Huberman (2011), comparação que coloca esses pequenos insetos luminosos – cuja extinção já foi motivo de preocupação ecológica – em correlação metafórica com os raros e fugazes momentos de resistência, esperança e beleza, em que pequenas luzes (*lucciolas*) reluziram em meio às trevas do fascismo. Pequenas luzes que ainda insistem,

conforme Didi-Huberman (2014), em buscar um espaço de sobrevivência, livre das ofuscantes luzes da sociedade de consumo.

### ***Lucciolas na escuridão do cárcere: partilhas de afeto, saber e arte como pilares de sororidade e resistência***

A narrativa de Mercedes Núñez Targa se constitui como uma espécie de diário, que narra episódios cotidianos, em relatos curtos, utilizando as formas verbais no presente, o que nos aproxima dos sentimentos de horror experimentados pelas mulheres prisioneiras em decorrência das condições sub-humanas em que viviam, mas nos aproxima também do ideal de luta e resistência, que elas insistem em sustentar. Conforme informações do site *Carcel de Ventas*, dedicado a reunir registros de imagens, testemunhos e a história desse local:

A prisão de Ventas (1931-1969) foi a prisão feminina mais populosa da história da Espanha. Originalmente concebido como "Prisão Modelo" para mulheres por Victoria Kent - dentro do novo projeto penal da Segunda República -, em 1939 acabou se convertendo, com o triunfo franquista, o oposto: um gigantesco "armazém de detentas", no qual mulheres e crianças foram amontoadas nas piores condições imagináveis. (CÁRCEL..., [21--], n.p.)<sup>2</sup>

No primeiro relato, Mercedes Núñez Targa narra sua chegada à prisão, quando já se depara com o problema da superlotação do local, cuja capacidade havia sido planejada para quinhentas detentas, mas no momento abrigava seis mil, o que dava origem a diversos problemas, como escassez de água, dificuldade para uso do banheiro, questões de higiene e de acomodação. Apesar disso, logo uma detenta, chamada Ângela, a auxilia a conseguir um lugar para colocar seu colchão. E logo ela também percebe que ali se produzem belos artesanatos e que as prisioneiras costumam cantar, inclusive uma música cujo nome *Hotel Maravilloso*, integra o título desse primeiro relato: *Cárcel de Ventas: Hotel Maravilloso*.

---

<sup>2</sup> La cárcel de Ventas (1931-1969) fue la prisión femenina más poblada de la historia de España. Concebida originariamente como "Prisión Modelo" para mujeres por Victoria Kent - dentro del nuevo proyecto penalista de la Segunda República- en 1939 acabó convirtiéndose, con el triunfo franquista, en todo lo contrario: un gigantesco "almacén de reclusas" en el que mujeres y niños se hacinaron en las peores condiciones imaginables. (CÁRCEL..., [21--], n.p.)

Essas primeiras impressões aparentemente contraditórias que resultam nesse título supostamente incoerente, de certo modo, já sinalizam uma característica que estará presente nas demais narrativas, que é a de manutenção dos ideais de resistência, do espírito de solidariedade e de amizade e até mesmo da apreciação artística-estética, tudo isso a partir de um tipo de esperança que se sustenta “apesar de”. Este “apesar de” é o que acreditamos aproximar esses relatos da metáfora de sobrevivência dos vaga-lumes.

Didi-Huberman (2011) em *A sobrevivência dos vaga-lumes* inicia lembrando a oitava vala do inferno de Dante, vala política, onde as trevas seriam salpicadas por pequenas chamas que se pareceriam vaga-lumes, *luciolas* (pequenas luzes) sobreviventes em contraponto a *luce* (grande luz) do paraíso. Em seguida o autor lembra Pasolini, cineasta e ativista político italiano, que em 1941, ainda jovem estudante, faz uma releitura de *A divina comédia*, em um contexto de guerra, em que a relação entre *luce* e *luciola* teria se invertido.

Assim foram os dias e as noites desse final de janeiro de 1941. Imaginemos, nesse contexto, algo como uma inversão completa das relações entre *luce* e *luciole*. Haveria, então, de um lado, os projetores da propaganda aureolando o ditador fascista com uma luz ofuscante. Mas também os potentes projetores da DCA9 perseguindo o inimigo nas trevas do céu, as “perseguições” - como se diz no teatro - das sentinelas atrás dos inimigos na escuridão do campo. É um tempo em que os “conselheiros perversos” estão em plena glória luminosa, enquanto os resistentes de todos os tipos, ativos ou “passivos”, se transformam em vaga-lumes fugidios tentando se fazer tão discretos quanto possível, continuando ao mesmo tempo a emitir seus sinais (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 16).

É nesse contexto que Pasolini, em carta ao amigo Franco Farolfi, descreve experiências permeadas de poeticidade, a partir das quais compara a amizade e a alegria, que a inocência da juventude permite partilhar, à beleza dos vaga-lumes em cópula. A poeticidade dessas experiências seria um contraponto a uma época que se encontra, ao mesmo tempo, entre as trevas e as luzes ofuscantes dos projetores do fascismo que triunfa. “Mergulhados na grande noite culpada, os homens irradiam às vezes seus desejos, seus gritos de alegria, seus risos, como lampejos de inocência (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 20).”

Anos mais tarde Pasolini (1975) irá desesperançar-se e acreditar que esses vaga-lumes, sinais fugazes de esperança e resistência teriam desaparecido, tese contra a qual Didi-Huberman irá argumentar e sobre a qual discorreremos mais adiante (DIDI-HUBERMAN, 2011). Por enquanto, porém, interessa-nos aproximar a sugestividade dessas imagens, *luciolas*, descritas até o momento, ao contexto de algumas cenas narradas nos relatos de Mercedes Núñez Targa.

Conforme já comentado, desde sua chegada, esses pequenos lampejos de esperança demonstram-se presentes para a narradora Mercedes. Não se afirma, entretanto, que essas pequenas luzes dissipem as trevas do cenário descrito, retrato extremo de tempos sombrios, mas justamente que, em meio a essa escuridão, o mínimo resquício de luz torna-se capaz de comover.

Nesse contexto, o horror assume diversas faces: das torturas ao assassinato de companheiras, algumas delas mulheres que sequer eram ativistas, mas foram presas por falsas denúncias ou devido a ações de seus maridos ou filhos.

Para além da situação dessas mulheres adultas, choca também a situação das crianças que ficavam presas junto de suas mães, em condições extremamente precárias de higiene, alimentação e saúde. Muitas dessas crianças acabaram morrendo durante uma pandemia. Os corpos ficavam amontoados nos banheiros enquanto aguardavam o enterro e as mães tinham que ficar vigiando para que os ratos não os comessem. Também há relatos de tortura e assassinato de crianças, praticados diante das mães.

Enfim, trata-se de uma situação extremamente propícia ao embrutecimento e à degradação de qualquer ideal. No entanto, embora, de fato, isso resultasse algumas vezes em brigas por espaço, comida e até mesmo em traições, ainda subsistiriam, em contraponto, exemplos de companheirismo, resistência e até mesmo de sensibilidade estética.

Conforme demonstram os relatos, os vaga-lumes, essas pequenas luzes (*luciolas*) de resistência e esperança sobrevivem na experiência das prisioneiras políticas da Prisão de Ventas. Sobrevivem em mulheres que se recusam a negar suas ideologias ou a entregar companheiras e companheiros de luta. Mesmo que isso lhes custe a vida, caminham rumo à própria morte com altivez. Por outro lado, também reluzem quando posicionamentos ideológicos são colocados em segundo plano, em privilégio da solidariedade mútua entre as detentas, o que ocorre, por exemplo,

quando uma comunista e uma anarquista se unem para assumir a responsabilidade de uma ação que poderia vir a ser punida.

Sobrevivem ainda no poder de articulação e de luta pelo bem comum que leva essas mulheres, inclusive, a criarem dentro da prisão uma escola – na qual alfabetizam umas às outras e compartilham saberes de cultura geral – e ainda um coral, no qual entoam canções de resistência.

E finalmente, essas *luciolas* também sobrevivem e se comunicam no brilho marejado de emoção do olhar afetuoso que tantas vezes essas mulheres trocam na partilha de dores e saudades. Muitas delas estabelecem entre si um afeto de irmãs, outras, idosas e jovens, adotam-se mutuamente, como mães e filhas, avós e netas. Criam-se vínculos familiares de acolhimento que se contrapõem ao ambiente de hostilidade em que se encontram.

Uma vez desafiando as expectativas dos opressores que contam desestabilizar a aliança entre essas mulheres, pautados numa perspectiva que vai ao encontro de uma das características que Marcela Lagarde y de los Ríos (2016), aponta no sistema patriarcal, que é a de estimular a rivalidade feminina como estratégia de dominação, elas reagem a essas estratégias de enfraquecimento do espírito comunitário, mantendo atitudes reveladoras de sororidade.

Nesse sentido, questionamo-nos então: se esses vaga-lumes lampejos de esperança sobreviveram a horrores, como os que ora relembramos, teriam, tempos depois, os vaga-lumes desaparecido realmente, como propõe Pasolini? Ou eles ainda sobreviveriam, como contesta Didi-Huberman? Procuraremos, a seguir, responder a essa pergunta, inquirindo-nos acerca de como a publicação dessa obra de Mercedes Núñez Targa, especialmente no contexto espanhol, em que ocorreu depois de tantos anos, dialoga com esse questionamento.

### **Lampejos de esperança: quando centelhas de resistência do passado são capazes de nos alcançar no presente**

Pasolini em 1975 publicou no jornal *Corriere della Sera* (*Correio da Noite*) um artigo intitulado *Il vuoto del potere* (*O vazio de poder na Itália*), republicado mais tarde com outro título, que o tornou famoso: *l'articolo delle lucciole* (*O artigo dos vaga-lumes*). Conforme comenta Didi-Huberman (2011), Pasolini (1975) inicia suas

reflexões com um problema ecológico, relacionado ao fato de que na década de 1960, os vaga-lumes haviam desaparecido da Itália em decorrência da poluição, porém, não é à questão ecológica em si a que Pasolini (1975) quer se dedicar, pois seu intuito na verdade é abordar esse problema ambiental como uma metáfora a partir da qual discorrerá sobre a proposição de que estaria ocorrendo um desaparecimento do humano na sociedade. Para Pasolini seria um equívoco acreditar que o fascismo dos anos 30 e 40 estivesse superado, assim afirma que: “A continuidade entre o fascismo fascista e o fascismo democrata-cristão é completa e absoluta” (PASOLINI, 1975, n.p., **tradução nossa**)<sup>3</sup>

Mas, sobre as ruínas desse fascismo está atrelado o próprio fascismo, um novo terror ainda mais profundo, mais devastador aos olhos de Pasolini. De um lado, “o regime democrata-cristão era ainda a continuação pura e simples do regime fascista”; por outro lado, por volta da metade dos anos de 1960, aconteceu “algo” que deu lugar à emergência de um “fascismo radicalmente, totalmente e imprevisivelmente novo”. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 30).

Essa segunda fase do fascismo teria como marca, na perspectiva de Pasolini (1975), um genocídio cultural, de consequências mais dificilmente reversíveis que aquelas do fascismo histórico, pelo fato de não constituírem apenas uma máscara comportamental, mas sim um modelo que vem dominando de fato as consciências e assim se tornando intrínseco a elas. Se no fascismo histórico ainda era possível fazer reluzir lampejos de resistência e pensamento em meio às trevas, sob essa nova forma, a adesão aos modelos culturais do centro seria plena e a luz das culturas populares teria se apagado, uma vez que os valores impostos pela sociedade de consumo teriam deformado a consciência do povo italiano.

Vi, portanto, “com meus sentidos” o comportamento forçado do poder de consumo recriando e deformando a consciência do povo italiano, até a degradação irreversível. Isso não aconteceu durante o fascismo fascista, um período em que o comportamento estava completamente dissociado da consciência. Em vão o poder “totalitário” repetiu e reiterou suas imposições comportamentais: a consciência não estava envolvida. Os “modelos” fascistas não passavam de máscaras, para serem colocadas e retiradas.

---

<sup>3</sup> La continuità tra fascismo fascista e fascismo democristiano è completa e assoluta. (PASOLINI, 1975, n.p.)

Quando o fascismo fascista caiu, tudo voltou a ser como era antes (PASOLINI, 1975, n.p., **tradução nossa**)<sup>4</sup>.

Didi-Huberman irá discordar dessa ideia. Compartilhando das reflexões do fotógrafo francês Denis Roche (autor da obra *O desaparecimento dos vaga-lumes*), privilegia as noções de imagem e iluminação intermitentes com relação aos vaga-lumes. Nesse sentido, propõe que os vaga-lumes não desapareceram em definitivo, mas que eles aparecem e “redesaparecem”, vão para outros lugares e que talvez Pasolini é quem tenha deixado de se colocar em um local favorável para sua observação ou perdido a capacidade de vê-los. O humano não estaria de todo vencido. (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Reconhecendo o potencial provocador de Agamben, mas ao mesmo tempo tecendo críticas a algumas de suas ideias, Didi-Huberman (2011) aproxima a concepção desse filósofo sobre o contemporâneo, enquanto aquele que procura perceber em nosso tempo uma luz que, sem sucesso, busca nos alcançar, à ideia de desaparecimento dos vaga-lumes de Pasolini.

Dialogando também com Ernst Bloch e Walter Benjamin, Didi-Huberman (2011, p. 60) afirma que é necessário “repensar nosso próprio ‘princípio esperança’ através do modo como o Outrora encontra o Agora para formar um clarão, um brilho, uma constelação onde se libera alguma forma para nosso próprio Futuro”. Nesse sentido critica o modo como Agamben interpreta a teoria da queda da experiência, de Walter Benjamin, enquanto uma destruição efetuada, acabada – da mesma forma que o desaparecimento dos vaga-lumes o é para Pasolini – quando para Benjamin essa queda de cotação estaria na época de sua escrita em processo. Assim o declínio seria uma evolução que nunca para (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Desde o início, Benjamin fala do “declínio da experiência” em termos de “fenômeno”: Erscheinung, ou seja, uma aparição, justamente, uma “aparição apesar de tudo”, se assim posso dizer [...] [...]Vocabulário de processo, portanto. Quando Benjamin nos diz que “a arte da narrativa tende a se

---

<sup>4</sup> Ho visto dunque "coi miei sensi" il comportamento coatto del potere dei consumi ricreare e deformare la coscienza del popolo italiani, fino a una irreversibile degradazione. Cosa che non era accaduta durante il fascismo fascista, periodo in cui il comportamento era completamente dissociato dalla coscienza. Vanamente il potere "totalitario" iterava e reiterava le sue imposizioni comportamentistiche: la coscienza non ne era implicata. I "modelli" fascisti non erano che maschere, da mettere e levare. Quando il fascismo fascista è caduto, tutto è tornato come prima. Lo si è visto anche in Portogallo: dopo quarant'anni di fascismo, il popolo portoghese ha celebrato il primo maggio come se l'ultimo lo avesse celebrato l'anno prima.

perder”, ele expressa ao mesmo tempo um horizonte de “fim” (Ende) e um movimento sem fim (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 122).

Há uma fala de Mercedes Núñez Targa que dialoga com o modo como Didi-Huberman (2011) interpreta as concepções de Walter Benjamin. A autora diz: “escrevo, porque se tem que contar, embora não seja muito, com meu vocabulário empobrecido pelo exílio (TARGA, 2016, p. 9)”<sup>5</sup>. Tal afirmativa vai ao encontro da ideia de Didi-Huberman (2011) de que se somos pobres em experiência, é possível fazer dessa própria condição uma experiência e, ou seja, fazer do próprio declínio objeto de representação da narrativa.

Cabe destacar também a forma impositiva como Mercedes Núñez Targa vê a necessidade de escrever sobre os traumas que viveu ou presenciou. Gagnebin (2016) entende que o não esquecimento é algo inevitável àqueles que vivenciaram experiências traumáticas e que, assim o esforço dessas pessoas consiste na busca por elaborar esse trauma em palavras, ou seja, dizer o indizível. Para Didi-Huberman (2011), mesmo no contexto de guerra, na fragilidade de suas possibilidades narrativas, o pessimismo foi por vezes organizado provocando o reluzir intermitente da esperança, a partir de suas palavras-vaga-lume. E é isso que as palavras de Mercedes Núñez Targa algumas vezes parecem representar: lampejos de esperança.

Entretanto, convém lembrarmos o tempo que se levou para que os relatos dela fossem publicados na Espanha. Esse desinteresse, que, durante algum tempo, o país natal da autora revelou pelas memórias que a obra evoca pode ter relação com a questão do pacto do esquecimento, uma vez que conforme aponta Mercedes Yusta Rodrigo (2014, p. 25) “na ausência de uma condenação pública do regime de Franco, não foi gerado um espaço de legitimidade no espaço público que tornasse audíveis as experiências e reivindicações das vítimas”<sup>6</sup>.

Essa dinâmica de silenciamento das narrativas das vítimas instiga-nos a questionar, se assim como Pasolini (1975) identificou no contexto italiano, não houve também na Espanha uma continuidade do fascismo, mesmo após sua aparente derrota. E mais ainda a reconhecer esse silenciamento como um traço do genocídio

---

<sup>5</sup> “escribo porque se tiene que contar, aunque no sepa demasiado, com meu vocabulário empobrecido pelo exilo” (TARGA, 2016, p. 9)

<sup>6</sup> “en ausencia de una condena pública del franquismo no se generó en el espacio público um espacio de legitimidad que hiciese audibles las experiencias y las reclamaciones de las víctimas.” (2014, p. 25)

cultural que para Pasolini (1975) culmina no desaparecimento dos vaga-lumes (do humano).

Porém, convém atentarmo-nos para o fato de que Mercedes Yusta Rodrigo (2014) diz que as experiências e reivindicações das vítimas não se faziam audíveis nesse contexto repressor, o que não quer dizer que não existissem. Ou seja, mesmo que tenha sido apenas após os anos 2000 que essas reivindicações forçosamente se fizeram ouvir de modo mais amplo, antes disso, como vaga-lumes que se distanciam das luzes dos projetores a fim de não serem completamente ofuscados, as contra-narrativas das vítimas, ainda que receosamente menos visíveis, já alimentavam o espírito de luta pelo não esquecimento, sustentando a força sem a qual as iniciativas pelo resgate da memória histórica de ampla repercussão pública pós anos 2000 não poderiam ocorrer.

Didi-Huberman critica a redução que Agamben faz tanto das imagens quanto dos povos restringindo-os a mídia como verdade última, negando qualquer possibilidade de *lucióla* diante da *luce*. O fato de os relatos de Mercedes Núñez-Targa terem sido publicados inicialmente em uma revista de assuntos considerados femininos (sob uma perspectiva sexista) e não relacionados diretamente à política, como: costura, moda, cuidados domésticos, se em um primeiro momento pode parecer incoerente, trata-se na verdade de burlar a dinâmica dos projetores de uma mídia de massa, inserindo em meio a este um ponto obscuro onde *luciólas* podem se fazer notar inesperadamente para essas leitoras. Assim, também na atualidade, o uso de recursos da internet, como, por exemplo, o site *Carcel de Ventas*, aqui já mencionado, cumpre esse papel de contraponto às narrativas hegemônicas, apropriando-se para isso dos próprios meios de disseminação dessas narrativas.

Por tudo isso, é possível, enfim, situarmos a leitura dos textos de Mercedes Núñez Targa, aqui explorados, como uma experiência a partir da qual nos alcançam lampejos do passado, que quebrando qualquer pacto de esquecimento, nos apontam novas possibilidades de se pensar o presente, para além de ideias alienantes de progresso. Ideias estas que se constroem por meio de falaciosos discursos de unidade nacional, proferidos por aqueles a quem interessa apagar os horrores do autoritarismo do passado, tendo em vista com isso dissimular a persistência de dinâmicas de opressão na atualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que se tenha buscado estabelecer as reflexões aqui propostas de um modo objetivo, todas elas foram provocadas e têm origem numa experiência subjetiva permeada de profundo pesar, mas também de um inesperado encantamento, o qual, por vezes, a leitura dos relatos de Mercedes Núñez Targa, acerca de seu período de detenção na Prisão de Ventas, provocou. Um encantamento que as palavras de Didi-Huberman auxiliaram a compreender e a nomear. Afinal, não é possível se colocar em posição de enxergar vaga-lumes sem se abrir ao espanto admirativo e ao deslumbre que estes provocam.

O “apesar de”, presente, tanto nos momentos de luta, solidariedade e beleza relatados pela autora, como também na construção de uma narrativa que se consolida, em termos de escrita e publicação, enquanto ato de resistência contra o silenciamento e contra o esquecimento de horrores, que parecem quase inenarráveis, tem potencial de incutir em nós a esperança e, com isso, o desejo de sermos, ainda que efemeramente, também vaga-lumes. Um desejo que se corresponde com um inspirador chamado feito por Didi-Huberman, escolhido como ponto de reflexão final para este artigo.

Devemos, portanto, - em recuo do reino e da glória, na brecha aberta entre o passado e o futuro - nos tornar vaga-lumes e, dessa forma, formar novamente uma comunidade do desejo, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças apesar de tudo, de pensamentos a transmitir. Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o não da luz que nos ofusca. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 154-155)

Narrativas como as de Mercedes Nuñez Targa propiciam a abertura dessa brecha, onde, segundo Didi-Huberman (2011), chocam-se forças antagônicas de passado infinito e futuro infinito. Choque a partir do qual se originará o que o autor chama de *força diagonal infinita*, uma vez que pelas imagens intermitentes do passado, constitui-se no futuro-presente o desejo indestrutível.

No contexto atual — no qual o fascismo, não mais legitimado como antes, encontra outras formas de se perpetuar, por meio de estratégias de imposição hegemônica cultural e de dominação do pensamento, as quais, por serem mais disfarçadas, tornam-se menos identificáveis e assim menos suscetíveis a contrapontos e resistência — a experiência de leitura dos relatos deslocou nossa perspectiva, colocando-nos diante de lampejos provocados, sobretudo, pelo diálogo

com descrições tão íntimas e sensibilizadoras das vivências dessa comunidade de mulheres encarceradas em Ventas. Uma partilha dialógica que nos afastou, ainda que provisoriamente, dos reflexos cegantes de um ideal de progresso, que tem como premissas, justamente, a aposta no esquecimento do passado e o silenciamento de vozes dissonantes ao discurso hegemônico da sociedade de consumo.

Entregando-nos, pois, ao potencial dessa brecha entre passado e futuro infinitos, tornamo-nos, portanto, aptos a partilhar de lembranças e resquícios de esperança, beleza e resistência, que subsistiram em meio ao horror. Lembranças e resquícios que num gesto arqueológico foram sendo desenterrados e colocados à tona, sob o espanto e admiração de nossos olhos. Tais imagens, intermitentes como o aparecer e desaparecer dos vaga-lumes em meio às trevas, conduziram-nos a uma espécie de comunhão com o passado. Comunhão, que, embora gerada na fragilidade de uma linguagem dilacerada pelo trauma, estimula-nos sensivelmente, à ambição de integrarmos, também nós, essa “comunidade do desejo”, “comunidade de lampejos” para a qual Didi-Huberman nos convida.

## REFERÊNCIAS

CÁRCEL de Ventas: Madrid, 1931-1969. In: *Cárcel de Ventas: Madrid, 1931-1969*. [S. l.], [21--]. Disponível em: <https://carceldeventas.madrid.es/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011

FERRAZ-INFANTE, Joyce Rodrigues. Mercedes Núñez Targa: Escrever porque se tem de contar. fôlio -*Revista De Letras*, 11(1), 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/5151>. Acesso em: 26 ago. 2021

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O que significa elaborar o passado?”. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2016. pp. 39-47, pp. 49-57, pp.97-105.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *El Feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías*. 2012. Disponível em: Acesso em: 26 ago. 2021

PASOLINI, Pier Paolo, "Il vuoto del potere" ovvero "l'articolo delle lucciole" ["O vazio do poder" ou "O artigo dos vaga-lumes" ], 1975. *Corriere della Sera*. Disponível em: <https://www.corriere.it/speciali/pasolini/potere.html>. Acesso em 21 de abril. 2020

TARGA, Mercedes Núñez. Cárcel de Ventas. In: TARGA, Mercedes Núñez. *El valor de la memoria: e la Cárcel de Ventas al Campo de Ravensbrück*. Sevilla: Renacimiento, 2016.

RIBEIRO, Mariana Cardoso dos Santos. O LUGAR DOS DIREITOS HUMANOS NA AGENDA DA DIPLOMACIA FRANQUISTA (1945-1955). *Revista de História*, São Paulo, n. 177, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/Rk7jfzsnrG8kvbgknxC8GS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

RODRIGO, Mercedes Yusta. El pasado como trauma. Historia, memoria y «recuperación de la memoria histórica» en la España actual. *Pandora: revue d'études hispaniques*, no 12, 2014, p. 23-41. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5238920>. Acesso em: 25 ago. 2021.